



**ÂNGELA MARIA TEIXEIRA DE SOUZA**

**ESTUDO DAS *CARTAS PORTUGUESAS*, DE MARIANA  
ALCOFORADO**

**Bagé**

**2016**

**ÂNGELA MARIA TEIXEIRA DE SOUZA**

**ESTUDO DAS *CARTAS PORTUGUESAS*, DE MARIANA  
ALCOFORADO**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II como requisito básico para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras – Português/ Inglês e suas Respectivas Literaturas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Miriam Denise Kelm.

Bagé

2016

ÂNGELA MARIA TEIXEIRA DE SOUZA

**ESTUDO DAS *CARTAS PORTUGUESAS*, DE MARIANA  
ALCOFORADO**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II como requisito básico para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras – Português/Inglês e suas Respectivas Literaturas.

Área de concentração:

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: \_\_\_\_\_

Banca examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Miriam Denise Kelm

Orientadora

UNIPAMPA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Zila Letícia Goulart Pereira Rêgo

UNIPAMPA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lúcia Maria Britto Côrrea

UNIPAMPA

Dedico este trabalho a todos que de alguma forma contribuíram para que este objetivo fosse alcançado.

## **AGRADECIMENTO**

A Deus, que me permitiu concluir este trabalho. Sem Ele, nada é possível.

À Miriam Denise Kelm, orientadora desse trabalho, pelo empenho, dedicação e compreensão nos momentos difíceis pelos quais passei.

Aos amigos e colegas, pela amizade e companheirismo.

A todos os professores da UNIPAMPA, pelos ensinamentos.

Aos familiares, pelo apoio, carinho e incentivo.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise da obra *Cartas Portuguesas*, de Mariana Alcoforado, publicadas no ano de 1669. O primeiro capítulo fez uma referência ao período literário em que a obra está inserida, denominado Barroco. As *Cartas Portuguesas* foram analisadas segundo os preceitos da Literatura Confessional, na qual se encaixam, para o que se recorreu às origens (Santo Agostinho e Rousseau) e a outros autores que sobre esse gênero expõem suas ideias. Por fim, o discurso amoroso foi analisado através da proposta de Roland Barthes, escolhendo alguns aspectos comuns nas falas de Mariana. Como conclusão deste trabalho, afirmo que a obra em estudo é uma grande representante literária do movimento Barroco e da Literatura Confessional e um ícone da Literatura Portuguesa relacionada à expressão do amor.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa. Mariana Alcoforado. Discurso amoroso.

## **ABSTRACT**

The present work aims to make an analysis of the book Portuguese Letters, by Mariana Alcoforado, published in the year 1669. The first chapter made reference to the literary period in which the work is inserted, denominated “Barroco”. The Portuguese Letters were analyzed according to the precepts of Confessional Literature, in which they fit, for which the origins were used (Saint Augustine and Rosseau) and other authors that on this genre expose their ideas. Finally, the love speech was analyzed through the proposal of Roland Barthes, exploring some common aspects in Mariana's speech. As a conclusion of this work, I say that the studied subject is a great literary representative of the” Movimento Barroco” and of Confessional Literature and an icon of Portuguese Literature related to the expression of love.

Keywords: Portuguese Literature. Mariana Alcoforado. Love Speech.

## Sumário

Introdução .....	9
<b>1 Barroco como periodização histórica e literária.....</b>	<b>12</b>
1.1 O estilo barroco e as características presentes nas Cartas Portuguesas, de Mariana Alcoforado.....	12
<b>2 Literatura Confessional: uma confissão do “eu” .....</b>	<b>21</b>
2.1 Contexto histórico e social de Mariana Alcoforado .....	21
2.2 As confissões em Cartas Portuguesas.....	23
<b>3. Análise das cartas através da proposta de Roland Barthes.....</b>	<b>29</b>
3.1 A carta de amor.....	29
3.2 O Ciúme.....	30
3.3 A espera .....	31
3.4 Eu te amo .....	32
3.5 Sem resposta .....	32
<b>4 Considerações Finais.....</b>	<b>33</b>
Referências Bibliográficas.....	34

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho irá abordar a obra *Cartas Portuguesas*, de Mariana Alcoforado, publicada no ano de 1669. As cartas foram escritas em um convento da cidade lusitana de Beja. Pretendo realizar a análise desta obra, verificando alguns temas que julguei importantes, como a expressão do sentimento amoroso, a literatura confessional na qual o tipo de texto se insere, e o período literário ao qual pertence.

As cinco *Cartas Portuguesas* foram escritas por uma jovem freira em um convento ao seu amado Conde de Chamilly, que também tem as seguintes denominações: Cavaleiro de Chamilly, Conde de Saint-Leger e Marquês de Chamilly. Não sabemos ao certo se as cartas obtiveram respostas, pois as mesmas nunca foram encontradas, o que conhecemos nos foi relatado por Alcoforado, que conta que eram pequenas cartas sem nenhuma demonstração de afeto por parte do Conde, o que fez com que a mesma tivesse essa desilusão. Em sua primeira carta, podemos ver claramente pela fala de Mariana que o conde lhe escreveu, e fica subentendido que não foi uma única vez:

Ai de mim, a tua última carta pô-lo num estado singular: tanto me batia no peito que parecia querer separar-se de mim e voar ao teu encontro. Fiquei tão prostrada por estes desatinados embates que estive mais de três horas com os sentidos perdidos. Não me empenhava em voltar a uma vida, que por tua causa devo perder, pois me é vedado dispor dela para tu a lograres. Enfim, bem contra minha vontade lá tornarei a ver a luz do dia. Alegrava-me sentir que me finava de amor e, para mais, consolava-me não ficar sujeita a ver o coração despedaçado pela dor da tua ausência. (ALCOFORADO, p. 18, 1962).

A segunda carta já mostra o descontentamento amoroso que ela sente em relação ao amado, visto que a mesma diz que não sabe se ele não escreve porque não tempo ou porque não quer. Esta carta também demonstra também que quando Mariana questiona seu amado o porquê de ele não ter escrito, é um indício de que ele escreveu alguma carta para ela:

Por que se acha ele melhor informado do que eu e por que não me tens escrito? Bem infelizmente sou se depois que partiste ainda não tiveste ocasião para o fazer e, muito mais ainda, se tendo-a não te dispuseste a escrever. (ALCOFORADO, p. 20, 1962).

A autoria das cartas é alvo de discussões, pois muitos escritores acreditavam que tais cartas não poderiam ter sido escritas por uma mulher, o que mostra o preconceito

em relação às mulheres naquela época e também a quebra do paradigma de que somente homens poderiam escrever aquelas belas palavras. A escrita feminina não era bem aceita na época, e talvez o fato de que culturalmente a mulher era vista de modo inferior e não tinha acesso à educação formal.

Alguns autores chegam até a duvidar que fosse uma freira quem escreveu tais palavras, porém Mendes (2007), afirma que sim:

Está provado que existiu uma freira com esse nome no convento de Beja nessa época; nas cartas a signatária diz-se chamar-se Marianne; o capitão Noel Bouton esteve a serviço do Conde de Schomberg em Portugal, tendo passado mais de dois anos sediado em Beja; detendo o título de Conde de Chamilly e Marquês de Saint-Léger... (MENDES, 2007, P.14).

Há muitas passagens que demonstram que realmente Mariana era religiosa e vivia em um convento desde nova, como afirma na quinta carta:

Reconheço que leva sobre mim grandes vantagens e que me fez sentir uma traição que me endoideceu, mas pouca vanglória deve tirar daí! Eu era moça, era crédula, tinham-me metido neste Convento em menina, nunca tinha visto ninguém tão agradável nem ouvido as lisonjas que me dizia a todo momento. (ALCOFORADO, p. 42, 1962).

O próprio livro nos traz informações de que quando Alcoforado entrou no convento, ela ainda não tinha onze anos completos.

A partir das leituras das cartas, tomei como objetivo geral de meu projeto conhecer melhor a subjetividade presente na obra e estudar também como o amor é vivido e representado na linguagem literária. Proponho ainda relacionar esta obra com a literatura confessional, bem como verificar de que modo ela se enquadra na corrente literária denominada Barroco, dentro do âmbito da Literatura Portuguesa.

A escolha em trabalhar com este tema deu-se pelo fato de a leitura das cartas ser uma leitura prazerosa que nos convida a conhecer um pouco mais dessa obra do século XVI. O amor não correspondido de que sofre a autora é algo que nos faz ter compaixão. Cabe salientar que este projeto faz parte da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura em Letras e/ou Respektivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, situada na cidade de Bagé. Tive contato pela primeira vez com essa obra na disciplina de Literatura Portuguesa, onde pude conhecer as cartas que, embora tivessem sido escritas há séculos atrás, até o dia de hoje conseguem surtir

efeito com suas palavras, e podem ser consideradas exemplos de literatura universal, mesmo que não tenham sido escritas com esse objetivo.

Este projeto está fundamentado em pesquisa bibliográfica e estudo de textos que esclareçam alguns aspectos como o período literário Barroco, a subjetividade e a representação do sentimento amoroso, consultando especialmente a literatura confessional, o gênero epistolar e seus pressupostos teóricos. Entre os principais autores estão Roland Barthes, Vitor Manuel Aguiar e Silva, Antônio José Saraiva e Óscar Lopes.

Sabemos que quando Mariana Alcoforado escreve as cartas, ela pretende corresponder-se com seu amado, mas é ao longo delas, que descobre que acima de uma mulher apaixonada, ela é uma escritora, e que na época sofreria opressões, visto que era uma freira, mas também tinha sido amante. Pode-se entender que a escrita era como um meio de fugir da realidade, pois vivia em uma época patriarcal, e então, mesmo que não fosse possível enviar as cartas, ela sentia prazer em escrevê-las, é como se o seu desejo fosse saciado pela escrita. A última carta é a mais longa de todas, talvez seja pelo fato de Mariana saber que esta seria a última correspondência, pois até aquele momento não havia recebido nenhuma que demonstrasse qualquer maior interesse por parte do Conde e acreditava que não as receberia mais. Preferiu então, ela mesma dar fim a este sentimento não correspondido, não lhe escrevendo mais. A quinta carta afirma:

Mas nada mais quero de si. Sou uma doida em repisar sempre as mesmas coisas. É mister que o deixe e que não pense mais em si. Creio até que já não voltarei a escrever-lhe. Não tenho obrigação de lhe dar contas do que passa em mim. (ALCOFORADO, p. 43, 1962).

Os capítulos a seguir situam as *Cartas Portuguesas* em seu período literário, que é o Barroco, corrente literária bastante complexa, mostrando a diferença entre o sentimento e a espiritualidade presentes na obra, visto que a religiosidade de Mariana Alcoforado é algo bem presente que liga o Barroco a obra, mencionado também o caráter realista da obra e sua atemporalidade que também marcam o movimento que está sendo estudado.

O segundo capítulo abordará a Literatura Confessional, em que estudei autores como Eunice Cabral André Crabbé Rocha (1965), pois as cartas de Mariana são consideradas confissões por parte de muitos estudiosos, pelo fato de elas não serem escritas com o objetivo de serem publicadas e eram mais um desabafo da autora, principalmente nas últimas cartas, quando não obtiveram nenhuma resposta e era como

se fosse um conforto para Mariana poder escrever seus pensamentos, seus desejos e também seus anseios.

O terceiro capítulo está relacionado aos sentimentos de Mariana Alcoforado, pertencentes a obra *Fragments de Um Discurso Amoroso*, de Roland Barthes. Procurei analisar os aspectos do sentimento amoroso que podemos encontrar na obra, como a carta de amor, o ciúme, a espera, o Eu Te Amo e sem respostas. Os títulos, por si só, já nos remetem ao que iremos encontrar na obra, pois estão bem relacionados ao sentimento de Mariana, que escreve cartas com objetivo de ser correspondida, mas somente lhe resta a espera pelo seu amado, e quando ela escreve a última carta, é de nosso conhecimento que já não tem mais esperança de que possa conseguir manter algum relacionamento ou contato com o Conde.

Este último capítulo tenta exprimir o amor que não tem como se expressar, pois a linguagem não encontra maneiras de fazer isso. O amor é composto de debates e desejos que mostram que ele deve ser expresso, mas que muitas vezes, o melhor a ser feito é ficar guardado, como no caso de Mariana Alcoforado, que afirma em sua terceira carta:

Não sei porque te escrevo. Vejo bem que só te mereço compaixão e não quero a tua compaixão. Desprezo-me a mim mesma quando considero em tudo o que te sacrifiquei. Perdi a reputação, provoquei as iras dos meus, os rigores das leis deste Reino para com as freiras e a tua ingratidão que me parece o pior de todos estes males. (ALCOFORADO, 1962, p. 30).

A necessidade da autora é mais do que um próprio discurso, mas sim de alguém que foi completamente abandonado e precisa de alguém com quem possa desabafar seus sentimentos.

A tristeza de Mariana é algo que fica bem presente em todas as cartas, pois se tornou algo muito grande para ela aquele amor, e que mesmo sem nenhuma resposta, era como se ela o tivesse vivido e ficaria para sempre em sua lembrança:

Reconheço que me ocupo ainda muito dos meus ressentimentos e da sua infelicidade, mas lembre-se que a mim mesma prometi chegar a um estado mais sossegado e que hei de alcançá-lo ou tomarei uma resolução desesperada de que terá notícias sem maior abalo, bem sei. (ALCOFORADO, 1962, p. 42).

Todas as cartas de Alcoforado são marcadas pelo sentimento de angústia, pois teve a presença de seu amado por pouco tempo, e depois o que lhe restou foi escrever as cartas, que foi o que lhe ajudou a passar por estes momentos de solidão.

Mariana Alcoforado é o exemplo de mulher lutadora que venceu os preconceitos de uma época e afirmou seu discurso de que mesmo sem ser correspondida, ela conseguiu ultrapassar as barreiras e viver seu amor, mesmo que de uma forma significativa.

## **1. Barroco como periodização histórica e literária**

### **1.1** O estilo Barroco e as características presentes nas *Cartas Portuguesas*, de Mariana Alcoforado

O Barroco é um movimento artístico e literário que predominou do século XVI até metade do século XVIII, época em que as *Cartas Portuguesas*, de Mariana Alcoforado foram escritas. A religiosidade era um traço marcante deste período, ligado a uma visão aberta de mundo.

Segundo Vitor Manuel de Aguiar e Silva (1976, p. 456) a cronologia do Barroco europeu não é homogênea; o Barroco italiano surgiu antes do Barroco europeu, e na literatura francesa termina no século XVII, ao mesmo tempo em que ainda se encontra resistente na Espanha e em Portugal, pois estas literaturas apresentavam variadas fases de desenvolvimento. O seu surgimento tem suscitado dúvidas quanto aos limites cronológicos, pois havia a existência de um movimento chamado Maneirismo que surgiu quase na mesma época e que servia para designar algo que se encontrava entre o Barroco e o Renascimento, mas que não pertencia a essas correntes.

Em Portugal o Barroco se dá quando termina a época da Renascença, a morte de Luís Vaz de Camões e o fim do domínio português, por volta dos séculos XVII e XVIII. De acordo com Audemaro Goulart e Oscar Silva (1974), este período desenvolveu-se por 176 anos em Portugal, tendo como principais representantes no país nomes como D. Francisco Manuel de Melo, Manuel Bernardes, Frei Luís de Sousa e Mariana Alcoforado.

Segundo Vitor Manuel de Aguiar e Silva (1976):

O Barroco ama a metamorfose e a inconstância, possui um agudo sentido das variações que secretamente alteram toda a realidade e busca no movimento e no fluir universal a essência das coisas e dos seres. Para exprimir esta mundividência, a literatura barroca utiliza um vasto conjunto de símbolos em que figuram elementos evanescentes, instáveis e efêmeros, ondeantes e fugidios [...]. (SILVA, 1976, p.494).

O movimento Barroco representou para Portugal uma grande complexidade, pois era o momento em que o país estava sob dominação espanhola e então os portugueses tiveram que se adequar a uma nova visão de mundo. Por isso, podemos dizer também que sofre influência da Contra-Reforma, que foi um movimento da Igreja Católica reagindo contra a Reforma Protestante proposta por Lutero e Calvino (1483-

1546), que defendia a livre utilização da Bíblia e levou muitas igrejas a reformarem suas crenças. A Contra-Reforma contribuiu para a criação da corrente literária denominada Barroco.

Aguiar e Silva (2005), sobre o Barroco afirma que:

Dos princípios religiosos e morais da Contra-Reforma com caracteres morfológicos e o conteúdo da arte barroca, permite concluir com segurança que o barroco se desenvolveu paralelamente com a Contra-Reforma, mas que não pode ser considerado como expressão das aspirações e dos valores essenciais da Reforma Católica, embora a igreja tenha vindo a perfilhar a magnificência e a grandiosidade monumental da arte barroca para exprimir a glória de seu triunfo. Se a Contra-Reforma não pode, por conseguinte, ser apontada como causa determinante do Barroco, deve porém ser tida em conta como um dos elementos fundamentais que estruturam a ideologia, a sensibilidade e a temática do Barroco. (AGUIAR E SILVA, 2005).

De acordo com outros autores mencionados, a Contra-Reforma foi fator determinante nesse período literário, pois aconteceu em conjunto com a transformação de uma época, uma visão mais aberta de mundo, algo que por muito tempo foi visto como profano e não era bem aceito pelos estudiosos, mas novas produções literárias, demonstrando as características estudadas pertencentes ao Barroco, fizeram com que ele fosse considerado um novo movimento.

Segundo Lígia Cademartori, o Barroco sofre influência ideológica da Contra-Reforma e do Concílio de Trento, possui uma exuberância verbal e dualidade ideológica marcada pelo cristianismo e também pelo racionalismo. (CADEMARTORI, 2004, p.30). A autora afirma que cada período sofre influência das transformações culturais da sua época e é determinado pelas peculiaridades que o diferenciam dos demais, constituindo assim o seu estilo. As cartas de Mariana Alcoforado são marcadas pelo cristianismo, que na obra é revelado pela religiosidade da autora.

Este período literário pode ser entendido como a descrição dos conflitos do nosso espírito, com um novo modo de ver a Deus e ao mundo, e teve representações iniciais mais marcantes na história da arte, opondo-se a ideias fixas que eram estabelecidas em outros períodos, sendo visto como uma reação aos padrões fixos que existiam na época, pois suas obras costumavam despertar emoções diversas em quem as lia.

Em Portugal, este movimento ocorreu entre os anos de 1580 a 1756 e suas origens são objetos de discussão ainda hoje, com objetivo de identificar e conhecer dois tipos de conhecimento, o cultismo e o conceptismo, segundo José Augusto Coppi.

(COPPI, 2010, p. 477-486). O cultismo está relacionado às formas das palavras, ao uso de figuras de linguagem para demonstrar suas ideias, ao fato de utilizar imagens para expressar sensações e também é ligado ao fato de não cultivar a fé. O conceptismo utiliza palavras com significados diversos, tem finalidade religiosa e sutileza de pensamento.

Segundo Dino del Pino, a expressão Barroco foi aplicada ao mundo literário há pouco tempo, e foi utilizada para designar um conjunto de obras que não faziam parte de nenhuma outra classe:

Desta forma, o nome Barroco, há muito utilizado para caracterizar as expressões das artes plásticas que, globalmente, se verificam no século XVII, não penetrou nos estudos literários senão há bem pouco tempo. A necessidade de uma denominação específica para as formas literárias do período em estudo se justifica principalmente porque, apesar dos elementos que ele tem em comum com a estética anterior, o vocábulo classicismo, quando aplicado a seus autores, aos gongóricos, por exemplo, torna-se ambíguo e pouco esclarecedor. (DEL PINO, 1972, p.105).

O nome Barroco recebeu outras denominações, como cultismo ou marinismo, na Itália, entre outros e todos eles se referiam ao fato de este termo estar ligado ao elemento intelectual, buscando sempre a valorização do pensamento, sem se prender a formas e ritmos complicados, mas sim escrever de uma forma mais despojada, e que pudesse cativar o leitor. Uma característica também presente é a verossimilhança, pois a obra *Cartas Portuguesas* tem essa capacidade, de nos situar no tempo em que o autor está. Pelo jogo de palavras que Mariana usa, sentimos o efeito realista que está presente na obra, que acredito ser fruto da busca da autora em expressar os sentimentos tais como eles verdadeiramente são, pois usa recursos linguísticos, como a retomada de suas memórias a partir de palavras precisas, o que pode ser visto como mais uma característica barroca.

Também visto como gongorismo, tendo como principal representante Luís de Gôngora, o Barroco usa uma linguagem mais rica, com neologismos, hipérbatos e figuras de linguagem. Segismundo Spina afirma:

A poesia deva ser a expressão de uma “vivência”, de uma experiência emocional, moral, profunda, é emitir um conceito tão apriorístico quanto afirmar que a poesia é por excelência um estado de alegria produzido no espírito do leitor pela palavra (Paul Claudel); que a poesia não é mais do que a expressão do sentido misterioso da existência (Mallarmé); que a poesia consiste em “iludir o nome cotidiano das coisas”; que a poesia é a “realidade absoluta”. (SPINA, 1967, p. 13).

Segundo Massaud Moisés (1986) o movimento Barroco é de complicado contorno, pois corresponde a uma profunda transformação cultural cujas raízes constituem objeto de discussão e divergência. Essa mudança de que fala o autor pode ser vista como resultado de uma variação de posições, como pode ser percebido na obra *Cartas Portuguesas*, o amor espiritual dá lugar ao amor carnal, assim como os sentimentos distintos que Mariana Alcoforado nutre, pois ao mesmo tempo em que pensa em se entregar ao amor, tem medo de ser castigada pela Igreja.

Algumas das características barrocas são: a assimetria, a noção de espaço infinito e movimento e essas características estão presentes na obra estudada, assim como a formulação de seu pensamento em relação ao amor que viveu, pois em várias passagens da obra Mariana valoriza seu sofrimento, algumas vezes até exagera, talvez pelo fato de este sentimento causar prazer, mas ao mesmo tempo dor, o que nos deixa confusos, pois o que é bom, ao final das cartas, deixa de ser. Este estilo também é caracterizado por Antônio José Saraiva e Óscar Lopes (1955) com as seguintes palavras, “o exercício da agudeza de engenho, o virtuosismo de um pensamento que procede por meio de subtilezas analógicas”. (SARAIVA e LOPES, 1955, p.503). É este jogo de ideias que está presente na primeira carta, demonstrando seu amor e a saudade que sente do amante, mas quando lemos as últimas cartas, já nos parece que o único sentimento que conseguimos perceber é o ressentimento que ficou em seu coração, pois não foi correspondida.

Uma grande característica muito bem expressa nas *Cartas Portuguesas* que se associa ao movimento Barroco é o exagero, pois a freira Mariana em suas cinco cartas demonstra nelas todo o seu amor de uma maneira exacerbada por assim dizer, e da mesma maneira que não conhecemos nenhuma manifestação de amor por parte de seu amante.

De acordo com Antônio Cândido e José Aderaldo Castello (1973), em relação ao Barroco no Brasil, as obras estão vinculadas ao quinhentismo português e seiscentismo peninsular, com predomínio do teatro e ações voltadas para o conceptismo.

Em relação ao surgimento e fim da época em que este movimento predominou, temos:

Para efeitos cronológicos, os manuais estabeleceram como data para o barroco literário entre nós o ano inicial de 1601, edição da *Prosopopeia*, de Bento Teixeira, e o ano final de 1768, ano em que

Cláudio Manuel da Costa publica suas *Obras poéticas*, marco da moda seguinte. (FISCHER, 2007, p. 122).

Segundo Audemaro Goulart e Oscar Silva (1974), o Barroco desenvolveu-se por 167 anos no Brasil, com produção marcada por antíteses, que era uma característica marcante. É considerada a arte das oposições entre o materialismo renascentista e o espiritualismo medieval. Os principais representantes no Brasil são Bento Teixeira Pinto, Gregório de Matos Guerra e Botelho de Oliveira.

Segundo José Augusto Coppi (2010), em relação ao Brasil, a nossa literatura é barroca e brasileira. Não se trata de literatura colonial por ser de colônia ou universal pelo fato da independência, mas que acima de tudo é brasileira porque quando o homem europeu pisou em nossas terras pela primeira vez, ele se afirmou como brasileiro.

Alfredo Bosi (1974, p. 33), diz que para interpretar o Barroco é necessário conhecer a época e lugar em que é estudado, como por exemplo, ele é um estilo que começou com o fim do período da Renascença, mas nos países germânicos, ele é considerado pós-reformista.

Este período literário é compreendido como uma fuga da realidade convencional. Podemos entender que muitas vezes Mariana se utiliza das cartas para poder transgredir os padrões a que está acostumada, pois sendo uma freira e morando em um Convento não lhe era permitido que tivesse relações amorosas, e como isso aconteceu e ninguém poderia ter conhecimento, a não ser o Conde e o mesmo não estava respondendo, ela acabou por desabafar seus sentimentos nas Cartas como meio de poder viver aquela paixão, pelo menos no seu pensamento, conforme Bosi (1997).

Segundo Moisés (1986):

Realmente digno de nota, por sua altitude e invulgaridade, o fato de conterem as cartas a sincera, franca e escaldante confissão duma mulher que se desnuda interiormente para o amante cínico, ingrato e ausente, com fúria de fêmea abandonada, sem qualquer reboço ou pudor. Ao longo das missivas, a epistológrafa mergulha cada vez mais num jogo dilemático, paradoxal, como pede a típica psicologia feminina e a própria essência do Barroco. (MOISÉS, 1986, p. 90).

Conforme o autor, o Barroco está presente através desse jogo paradoxal que foca em duas realidades presentes, em alguns trechos enfatizando o sentimentalismo e em outros até mesmo no racionalismo, que apoia Mariana, mas também a condena pela sua confissão amorosa. O apelo da autora pedindo respostas ao seu amado através das cartas

afirma o sentimento que nutre por ele, e a sensatez que ela demonstra ao perceber que foi abandonada também representa a volta da racionalidade.

Falando-se das origens do termo Barroco, há hipóteses de que provém de Federigo Barocci ou de *Barocco ou Barocchio*, que mais tarde viria a definir um estilo artístico. Porém, alguns autores discordam sobre essa definição.

Silva (1976), acredita que a palavra Barroco tinha valor pejorativo e alguns autores se referiam a ele de forma desdenhosa e até ridícula. A expressão teve uso na língua alemã, italiana e francesa, sempre empregada em relação ao domínio das artes. A arquitetura barroca foi considerada sem valor, e por vezes foi condenada por não ter regularidade e equilíbrio.

Outra característica do Barroco que está bem presente no texto em análise é a relação entre o amor divino e o amor carnal, que é expressa na obra quando a freira se vê dividida entre sua paixão dilacerada e a vocação pela igreja. Elemento também característico do período é a sua desilusão, que ela sente após inúmeras investidas em vão através das cartas: “Deixei-me seduzir por qualidades bem medíocres! Que fez, afinal, que me pudesse agradecer? Que é que me sacrificou? Não procurou antes mil prazeres?” (ALCOFORADO, 2007, p. 68). Essa frase usada por Mariana mostra a sua infelicidade com relação ao Conde, pois percebeu que havia abandonado sua vida religiosa para então sofrer por alguém que não faria o mesmo por ela. O amor tem como consequência a indiferença, que pode ser comparado a um amor não correspondido.

Este período literário pode ser associado também com o local em que a obra foi concebida, que embora não seja retratado por Mariana, fica mais fácil imaginar pelo que nos é mencionado algumas vezes, como o Convento em que ela morou e viveu seu romance. O grande tema relacionado ao Barroco é o conflito entre o amor e a religião, ou mundanidade e religiosidade, que por vezes deixa Mariana em dúvidas quanto a ser uma religiosa ou se entregar à paixão.

Segundo Geir Campos, em sua definição sobre Barroco:

Barroco, termo primitivamente usado por alguns críticos para contrapor, à tendência classicista mediterrânea e latina, certo espírito presente nas obras de arte nórdicas, marcadas por um ostensivo desequilíbrio entre o sensual e o espiritual, entre o gozo e sofrimento, entre a barbárie e a sublimação mística, sacrificando a harmonia em proveito da exuberância, do efeito lúdico e obscuro. (CAMPOS, *in: Pequeno Dicionário de Arte poética* (1978, p.27).

Assim como as outras definições, representa o desequilíbrio entre o amor e a religião, uma característica muito presente na obra e por várias vezes, bem marcada nas falas de Mariana Alcoforado.

No poeta brasileiro Gregório de Matos, também são percebidas as características marcadas pela dualidade entre os valores, como a alma e o corpo, a fé e a razão, teocentrismo e antropocentrismo, que são bem marcantes desse movimento, assim como o exagero, bem representado nas expressões da autora, como na terceira carta:

Não sei já o que sou, nem o que faço, nem o que quero. Espedçam-me impulsos descontraídos. Alguém poderá imaginar um estado tão lastimoso? Amo-te doidamente e quero-te também que nem me atrevo a desejar que em ti se renovem arrebatamentos iguais aos meus. [...] Se mal posso com as minhas penas, como aguentaria a dor de ver as tuas, que sinto mil vezes mais? (ALCOFORADO, 1962, p.29).

Segundo o autor Geir Campos, o Barroco também é marcado pelas incertezas, que na obra se referem às dúvidas que Mariana sente ao saber se realmente é amada pelo Conde ou se ela é apenas uma aventura na vida dele. Uma das figuras de linguagem bem presentes nas Cartas são as hipérboles, como no trecho abaixo:

Fizeram-me há pouco porteira do Convento. Toda a gente que fala comigo cuidará que estou doida, nem sei que resposta dou. As freiras devem estar tão tontas como eu para assim me julgarem capaz de qualquer encargo. (ALCOFORADO, 1962, p.33).

Dentre todas as suas características, o Barroco é marcado pela oposição entre a espiritualidade e a sensualidade, e pode-se ver claramente isto nas *Cartas*, classificando-as como parte desse período literário, que é visto ainda, como uma tendência do espírito humano e de todas as nossas manifestações de cultura, representando o emocional, o dramático e a libertação de formas muito clássicas e se vinculando a ideologias mais abertas.

Este período literário aparece para expressar visões opostas de mundo, como o pecado e o perdão. Nas Cartas, essa oposição se dá através das falas da autora, que sofre por ter pecado e não sabe se merece perdão por ser freira e ter se apaixonado.

Na terceira carta podemos verificar o liberalismo de Mariana, que assume o envolvimento físico com seu amante e o defende:

Consideraste a minha paixão uma vitória tua sem que o teu coração nela entrasse em coisa nenhuma. És assim tão vil e tens tão pouca delicadeza que não soubeste tirar melhor proveito dos meus arrebatamentos? E como é possível que com tanto amor eu não conseguisse dar-te uma felicidade perfeita? Lamento, por amor de ti

apenas, as venturas sem par que perdeste. Que mau sestro te levou a não as querer gozar? Ai, se as provaras, verias que eram mais gostosas que a satisfação de me haveres seduzido, e reconhecerias que se é mais feliz e que é bem mais agradável amar com ardor do que ser amado. (ALCOFORADO, 1962, p. 29).

Podemos ver que a relação de paixão é um sentimento novo, visto que não era comum para uma freira, o que lhe tirava do comodismo. Ao mesmo tempo, a ausência do amado faz com que use da razão para decidir não escrever mais, ao passo que só o que sente é dor e sofrimento.

Por isso, o Barroco é também um movimento literário que representa uma época de angústias, como é o caso das *Cartas Portuguesas*.

Ainda como uma característica bem presente é a busca pelo inusitado, pelo anormal e a valorização dos sentidos, dos sons e das imagens, que também pode ser relacionada à obra estudada.

A questão da paixão como fuga que Mariana usa para se livrar do mundo em que vive é um tema bem presente no Barroco, e que aparece em momentos de meditação da autora. A sensibilidade com que a mesma escreve é resultado da estética própria, pois é uma literatura de fortes emoções e se utiliza das formas mais rebuscadas para escrever, pois o Barroco não procura uma forma direta para se fazer entender e, sim, mais complicada e tortuosa.

Diz-se que o Barroco tem como característica mais marcante a oposição de ideias, a antítese, pois trata-se de um conflito da alma humana, e esta temática foi explorada por muitos autores, dentre eles, Mariana Alcoforado, que a todo tempo faz reflexões sobre a sua vida, passando por fases transitórias, em que ora quer ir atrás de seu amado, ora quer permanecer como freira no convento, escrevendo assim, de forma dramática. O Barroco utiliza muito os sentidos para expressar as emoções, os sons, as cores, tudo para cativar o leitor. Os textos dos autores barrocos sempre encantam por haver essa dualidade de ideias, buscando fazer uma síntese entre o racional e irracional, entre a subjetividade e a objetividade.

As *Cartas Portuguesas* tem um modelo epistolar que é muito valorizado no período Barroco, onde o amor é sempre o assunto principal. A obra em estudo é um grande representante desse modelo, pois só foi escrita por causa de um amor não correspondido, como na seguinte passagem:

Posso eu esperar das minhas cartas e dos meus queixumes o que o amor e a fraqueza não alcançaram da tua ingratição? Tenho a certeza

da minha desventura, o teu injusto proceder não deixa lugar a dúvidas e tudo devo esperar visto que me abandonaste. (ALCOFORADO, 1962, p.25).

Percebe-se que o Conde foi para a França, conforme menciona Mariana. Para a autora, o país é ligado ao mundo dos prazeres, onde lá está com outras mulheres e que a abandonou.

A perspectiva atemporal, característica do movimento, é expressa através dos verbos, ora escritos no passado, ora no presente. O trecho abaixo representa bem essa característica:

Uma paixão que te merecera tantos projetos de ventura só te dá agora um enfado mortal que apenas se pode comparar em crueldade à ausência de que ele mesmo é causador. (ALCOFORADO, 1962, p. 17).

Esse conflito de tempo marcará todas as cartas, nas lembranças que Mariana traz a todo o momento de seu passado e o que pensa hoje por ter se apaixonado e ter sido abandonada.

O modelo epistolar que faz parte do Barroco também visa ao destinatário das Cartas, e quanto a este assunto, não há grandes informações, como o nome completo do Conde de Chamilly, ele só é mencionado através de apelidos carinhosos, como “meu amor” nas primeiras cartas, em que nos parece que ela era correspondida, e “desgraçado”, nas últimas Cartas, quando Mariana Alcoforado percebe que seu amor só estragou sua vida e não mais voltaria. Os nomes que a autora usa para designar a pessoa a quem envia as Cartas podem ser ligados a questão das fases, pois Mariana utiliza termos amenos quando acredita ainda que poderia ser correspondida, e isso se dá no passado. Quando ela muda seu sentimento de amor para raiva, e sente-se triste, desabafando assim com palavras mais rancorosas, os termos que usa estão no presente, ao tempo em que ela percebe que foi abandonada.

Alcoforado sabe que quando escreve não consegue transmitir todos os seus sentimentos, mas ela faz isso para desabafar, para fugir de sua realidade que não permite que viva esse amor.

Concluindo este capítulo, podemos dizer que o Barroco foi um movimento literário que serviu para designar as transformações culturais de uma época, com uma linguagem estilística e formas novas que não se adequavam em outros períodos. Mexeu com os alicerces da Igreja, incorporando novas teorias acerca do mundo, com uma visão

mais aberta. A dualidade de ideias e sentimentos e a busca em tentar relacioná-las é uma característica marcante, bem expressa nas *Cartas Portuguesas*, como a questão do amor e ódio, espiritualidade e sensualidade, entre outros temas presentes.

## **2. Literatura Confessional: uma confissão do “eu”**

### **2.1 Contexto histórico e social de Mariana Alcoforado**

Na época em que Mariana Alcoforado vivia, era comum as mulheres ingressarem na vida religiosa; segundo Mônica Rector (1999), os motivos eram os seguintes:

(1) por vocação; (2) para renunciar ao mundo e ter uma vida mais tranquila e contemplativa; (3) por segurança, no caso de mulheres cujos maridos se deslocavam para além-mar ou em outras funções militares; (4) para ter um lugar para ser solteira; (5) por um casamento desfeito; (6) para obter autonomia e poder, o que não seria factível na sociedade civil masculina. (RECTOR, 1999, p. 176).

No século XVII, as famílias costumavam ser mais tradicionais, e havia regras de comportamento para as mulheres, ou seja, o padrão patriarcal é que imperava, enquanto as damas da sociedade tinham um papel secundário, obedecendo às normas que lhes eram impostas. Muitas vezes o casamento era uma forma de preservar os bens da família. O Convento, pelo contrário, era a solução para não prejudicar as mais abastadas, cujos dotes seriam altíssimos de acordo com a classe social do indivíduo. É nesse contexto que se insere Mariana Alcoforado, em uma sociedade totalmente preconceituosa e opressora.

Pelo que podemos encontrar em informações sobre esta época e situação da obra, a autora das cartas foi internada no Convento em Beja por volta dos 11 anos de idade para ser freira de véu preto. Nesta época, predominava a lei dos vínculos, que era tendente a impedir o desmembrar das grandes casas na partilha de bens entre irmãos, que levava muitas vezes à imolação dos mais novos.

Para melhor conhecimento do período em que Mariana viveu, é preciso realizar uma contextualização. Era uma época marcada pelas guerras e revoluções, o país convivia diariamente com desordem interna, abandono da fé e da moral e atos descomandados, o que foi agravado pelo exército francês de que o Conde fazia parte. É nesse momento que surge a paixão, em meio a atos de desesperos e revoltas. Mariana entrou no Convento em 1651, para ser freira de véu preto e após cinco anos tornou-se a escritã oficial do mesmo, realizando a escrita das “Quarenta Horas”, onde eram anotados os fatos mais importantes da vida no convento.

De acordo com Mônica Rector (1999), a autora das correspondências merece lugar especial na escrita das religiosas, que embora polêmicas pela questão da autoria,

são sempre publicadas com seu nome. Durante a leitura da obra, não é nos dada quase nenhuma informação sobre o Convento ou o lugar onde morava com sua família, mas sabemos de sua existência pela escrita, que é marcada por certo narcisismo, característico de alguém que sofreu uma perda e se volta para si mesmo, tentando compensá-la. Mariana revela esse narcisismo como “eu” amoroso duplicado, pois as Cartas são como uma forma de sobreviver e sentir o prazer que o Conde lhe negou.

As principais influências literárias que obteve foi quando se debruçou sobre a história do Recolhimento, que tinha como obreira a mãe de D. Manuel I e lhe ajudava nos momentos de meditação. Maria da Graça Freire menciona ainda o fato duvidoso de Mariana ter conhecido D. Francisco Manuel de Melo, moralista e filósofo, e os sermões do Padre Antônio Vieira, o que pode ter influenciado em sua boa escrita. Afirma ainda que Mariana deu um salto de anos em relação ao gongorismo da época, pois a riqueza de reações era grandiosa. (FREIRE, 1962, p.6).

A autoria de uma obra é fundamental para melhor entendê-la, segundo Freire (1962), Alcoforado é incomparável, pois escreve de maneira profunda, mostrando passo a passo como é o amor de uma mulher.

Quando lemos as *Cartas Portuguesas*, podemos trazer fatos que visam a confirmar a identidade da autora. Ela foi escolhida ainda jovem para ser a escritora das “Quarenta Horas”, e anos mais tarde, para ser a escrivã do Convento, o que aponta qualidades em sua escrita. Seu conhecimento literário era valioso, nos livros encontrava sossego e companhia. Pode-se entender que suas leituras contribuíram de alguma forma na escrita das Cartas, e que mais tarde, tornaram Mariana uma admirável escritora. Sua obra foi considerada como uma espécie de grito existencial, uma espécie de fuga dos muros do Convento que a mantinham presa.

É interessante observar o fato que resulta na produção das cartas; a autora nutria um sentimento que não era comum para ela, e isso a diferenciava das outras mulheres. Ela viu na escrita um meio de sentir como se de alguma forma estivesse escrevendo para alguém presente. De acordo com Roland Barthes (2003, p. 39), “a linguagem nasce da ausência”; no caso da obra estudada, se houvesse a presença do Conde, as cartas não teriam sido escritas e se tivessem, haveria muito pouco a se dizer. Acredito, então, que é uma tarefa grandiosa escrever a uma pessoa que talvez nunca lhe respondesse. Embora faça isso com o objetivo apenas de se corresponder com seu amado, mesmo depois de não obter respostas, ela continua a escrever, pois remete a uma pessoa ausente.

## 2.2 As confissões em *Cartas Portuguesas*

Sobre a Literatura Confessional, cabe salientar que as confissões tiveram suas origens em Santo Agostinho e Jean-Jacques Rousseau.

Nas *Confissões* escritas por Santo Agostinho podemos ver também como o autor pensa em relação a outros temas, como a ignorância dos homens, a memória intelectual e da alma, entre outros. É neste livro que Santo Agostinho revela o estado atual de seu pensamento, fazendo uma análise de sua memória e de lembranças.

Em Rousseau, somos conduzidos a uma realidade diferente, onde o autor não necessita de relações pessoais para sobreviver e quando seus amigos resolvem se intrometer no tipo de vida que está levando, ele acaba os julgando como falsos amigos, como no seguinte trecho:

Devia obrigação a todas essas pessoas delicadas. Depois negligenciei sua amizade, não por ingratidão, mas devido aquela preguiça invencível que sempre causou a impressão de que sou ingrato. Nunca saí de meu coração o reconhecimento aos serviços que me prestaram: todavia custar-me-ia menos provar-lhes minha gratidão do que testemunhá-la assiduamente. A exatidão em responder às cartas sempre foi coisa acima de minhas forças: mal começo a relaxar a correspondência, a vergonha e o embaraço de reparar a falta agravam-na e não escrevo nunca mais. Guardei pois silêncio e pareci esquecê-los. Parisot e Perrichon nem mesmo deram a impressão de notar tal falta e sempre foram os mesmos para mim: porém verão, vinte anos depois, em M. Bordes, até onde o amor-próprio dum belo espírito pode levar a vingança quando se julga negligenciado. (*As Confissões* de Jean-Jacques Rousseau, Livro VII, 1974, p. 187).

O autor acredita que vivendo de forma solitária está se livrando dos problemas da sociedade e se defendendo de pessoas más que terá de enfrentar. A escrita surge então, como meio de fugir dessa realidade e de amigos pretensiosos que irão se achegar, sendo a única forma de ninguém conseguir contrariar sua vontade e suas opiniões.

É interessante observar que as *Confissões* de Rousseau são documentos que tratam sobre os problemas da sociedade vistos por um coração honesto, livre de política ou outras influências, pois está afastado das pessoas, o que faz sua história ser mais verídica.

As *confissões* de Santo Agostinho estão relacionadas aos pecados que ele julga ter cometido e que por isso, deve se confessar. Ele entende o que acontece com cada pessoa, mas sabe que só Deus pode ver o coração de toda a humanidade. Ele utiliza

exemplos da sua própria vida para explicar que somente a graça divina pode salvar a espécie humana e não tinha a ambição de que as mesmas viessem a se tornar uma obra literária, pois assim como Mariana Alcoforado, não pretendia publicá-las. A obra tem como objetivo não somente pedir perdão pelos erros cometidos, mas também louvar a Deus em todos os momentos, pois acreditava que Ele era responsável por todas as coisas boas que possuía, como em “O fruto das confissões” :

Quem ouvir-me; mas com que fruto? Desejarão congratular-me comigo, ouvindo quanto a vossa graça me aproximou de Vós? Desejarão orar por mim, sabendo quanto o peso dos meus pecados me faz atrasar (na virtude)? Bem, mostrar-lhes-ei quem sou. Já não é pequeno fruto, senhor meu Deus, que muitos Vos rendam graças por mim e que numerosas pessoas Vos implorem em meu favor. Oxalá que o coração dos meus irmãos ame, em mim, o que ensinai a amar, e igualmente aborreça o que ensinai a aborrecer! (AGOSTINHO, 1980, p. 196-197).

O próprio termo confissão já nos dá entender que se trata de alguém que fez algo errado, se arrependeu e precisa se confessar. Santo Agostinho acreditava que somente a graça divina poderia lhe proteger das tentações, e sabia que como não era perfeito, poderia vir a cair nas tentações da carne.

No início da obra podemos perceber que há um apelo à verdade, não se podendo então duvidar da veracidade das informações que encontraremos no texto. Este livro conta com partes históricas e está relacionado não ao que o autor era antes, mas o que se tornou, como mostra o seguinte trecho:

O fruto das minhas Confissões é ver, não o que fui, mas o que sou. Confesso-Vos isto, com íntima exultação e temor, com secreta tristeza e esperança, não só diante de Vós mas também diante de todos os que creem em Vós; dos que participam da mesma alegria [...]Estes são os vossos servos, os meus irmãos, aos quais constituístes vossos filhos e meus senhores. A eles me mandastes servir, se quisesse viver de Vós e convosco. (AGOSTINHO, 1980, p. 197).

A obra em questão: *Cartas Portuguesas*, faz parte da Literatura Confessional, pois se trata da intimidade de um indivíduo, onde o mesmo conta a sua experiência amorosa através de Cartas. Trata-se de um olhar sobre si próprio, de falar de si mesmo para o outro, pois é através das correspondências que Mariana demonstra toda sua paixão, que conhecemos seu íntimo. É como se fosse uma revelação da pessoa que escreve, onde constatamos quem é a dona da história que estamos lendo. Não há uma terceira pessoa no enredo, pois a autora não deseja que outras pessoas conheçam seu sentimento, é a escrita de um “eu” se revelando para um “tu”, que no caso é o Conde.

O texto confessional pode ser entendido como a literatura do eu, porque tenta transmitir o próprio sentimento; é assim que acontece com a nossa personagem principal, ela procura demonstrar o que sente, se expressando por meio de palavras, pois é o único modo que poderá utilizar. Uma questão que poderemos levantar também é a sinceridade presente na obra, Mariana Alcoforado está falando sobre a sua vida íntima, portanto, podemos acreditar em sua verdade, conseguimos saber dos sentimentos da autora, e até entendê-los. O confessionalismo visa à expressão do desejo de amar e ser amado, pois é mais do que uma questão de expressar seu sentimento e escrever as Cartas, mas sim, fazer com que o amado lhe corresponda, para engrandecer este amor, mas a autora por vezes tenta explicar o motivo pelo qual o Conde não voltou ao seu encontro, como escreve na primeira Carta:

Bem sabes que se deixaria tão facilmente convencer em tudo o que seja contra mim, como eu o fui em me deixar arrastar em teu proveito. Eu seria capaz de resistir sem precisar da ajuda de todo o meu amor e sem cuidar que estava cometendo algum feito extraordinário mesmo com razões mais fortes do que essas que te levaram a deixar-me. Bem fracas me teriam parecido, e nenhum poder conseguiria jamais arrancar-me de ao pé de ti: Mas tu quiseste aproveitar os pretextos que te apresentaram para tornares à França. (ALCOFORADO, 1962, p. 22).

A Literatura Confessional tem como foco o sujeito, Mariana faz esse papel. Ela assume sua própria identidade quando se atreve a escrever as Cartas, e transgredir os padrões da época, demonstrando seus sentimentos e vontades através da escrita. Segundo Eunice Cabral, “a paixão individualista encontra-se sobretudo no confessionalismo romântico patente em todas as literaturas europeias em que a expressão do eu afirma muitas vezes uma personalidade e um modo de vida em luta com a sociedade”. (<http://edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/6029/literatura-confessional/>). Não há exemplo melhor do que Mariana para realçar esta citação, pois ela era uma pessoa religiosa, criada em uma sociedade patriarcal, onde não era comum mulheres estudarem, e mesmo com todos esses dilemas, ela tornou-se essa grande escritora, e conseguiu através das Cartas expressar seu amor. A luta contra a sociedade foi bem expressa, tanto que a questão da autoria é estudada até hoje por pesquisadores da área.

As Cartas de Mariana Alcoforado fazem parte do gênero epistolar, com foco no interlocutor, pois todas as correspondências são endereçadas a uma única pessoa, e é por causa dela que elas existem. Algumas obtiveram respostas, mas chegou a um limite em

que cansada de não receber mais respostas, ou seja, o silêncio do destinatário, seu amado Conde, fez com que ela mesma decidisse não escrever mais. Segundo André Crabbé Rocha (1965, p. 14), “a Carta não obedece, a maior parte das vezes, à unidade ideal de estrutura que preside à obra de criação premeditada”, ou seja, ela é escrita de forma espontânea, e no caso de Mariana de forma despreziosa, pois não foi concebida para ser uma obra literária, e sim para expressar um sentimento verdadeiro e comunicar-se.

Mariana Alcoforado assume uma linguagem subjetiva quando faz da mesma sua confidente, para dessa forma atingir seu amado, comunicando por meio das Cartas a aflição que sentia por não receber mais respostas do Conde, como expressa na quinta carta:

Desde que te fôste não voltei a ter um momento de bem-estar, a única consolação que me resta é repetir o teu nome mil vezes ao dia. Algumas freiras que sabem o lastimoso estado em que me puseste, falam-me de ti muitas vezes. (ALCOFORADO, 1962, p. 35).

Segundo Pedro de Souza (1997, p. 69), “a carta tem sido definida, notadamente no domínio da literatura, como um gênero de escritura confessional. Ou seja, ela é uma das formas de expressão possível para falar das experiências e segredos de intimidade”. Mariana está internada em um Convento, dessa forma, sua escrita é realizada de forma secreta, pois não pensa em revelar-se para ninguém, somente para o Conde. Escrever uma carta pessoal cumpre a regra do regime confidencial, como é o caso da obra estudada. (Souza, 1997, p. 69).

As confissões estão bem presentes na obra, tanto por parte de Mariana, como do Conde, que lhe confessa ter amado outra mulher. A autora afirma na última Carta:

Reconheço que leva sobre mim grandes vantagens e que me fez sentir uma traição que me endoideceu, mas pouca vanglória deve tirar daí! Eu era moça, era crédula, tinham-me metido neste Convento em menina, nunca tinha visto ninguém tão agradável nem ouvido as lisonjas que me dizia a todo o momento. Cheguei a convencer-me que lhe devia as graças e a beleza que me achava e em que me fazia reparar. Ouvia dizer bem de si e todos o encareciam. Era incansável na diligência para me fazer crer que me amava. (ALCOFORADO, 1962, p. 42).

Alcoforado é a voz enunciativa das Cartas, ela que sente a ausência do amado e é por sua falta que ela começa a escrever. Durante todo o processo de escrita, ela

relembra o passado em que esteve com seu amante, e se questiona sobre o fato de ter se entregado a essa paixão. As perguntas que Mariana Alcoforado se faz mostram a mesma como sujeito principal da história, enquanto o Conde é visto como um sujeito oculto, que somente lhe escreveu por algum tempo e depois não lhe deu mais notícias. Na segunda Carta, percebemos quando a autora se dá conta de seu abandono e faz perguntas a si mesma, pois já tem certeza que não receberá respostas:

Posso eu esperar das minhas Cartas e dos meus queixumes o que o amor e a fraqueza não alcançaram da tua ingratidão? Tenho a certeza da minha desventura, o teu injusto proceder não deixa lugar a dúvidas e tudo devo esperar visto que me abandonaste. Acaso guardavas só para mim os teus atrativos e deixarás de parecer bem a outros olhos? (ALCOFORADO, 1962, p. 25).

Acredito que a linguagem em forma de correspondência é a forma de Mariana expressar seus sentimentos e também de desabafar, pois sofre de uma angústia que só pode extravasar através das Cartas, e é a única maneira em que ela pode manter a sua paixão acesa, nem que seja por pouco tempo, e conseguir que seu amado esteja presente de alguma forma, mesmo que simbolicamente.

O ato de escrita das Cartas é o mais importante, já a ação de enviar é irrelevante, pois o ato foi consumado pela escrita.

Segundo Manuel Cruz (1996, p. 155) em sua obra *Tiempo de Subjetividad*, existe o sujeito enunciador e que se subjetiva, tendo alto grau de complexidade psicológica, pois suas sensações e sentimentos ficam bem expressos. Sendo assim, Mariana é entendida como esse sujeito enunciador visível nas Cartas. A autora fica muitas vezes em segundo plano, pois o importante é saber quem irá receber as correspondências, dessa forma se fazendo como um sujeito oculto. Na época em que a obra foi escrita, a mulher fazia sempre um papel secundário, tanto na família, como no casamento, e este fato pode ser atribuído a autora, que fez do papel seu único confidente.

As confissões são comuns nos dias atuais, mas segundo Maria Luíza Ritzel Remédios nem sempre foi assim. Os diários e dramas amorosos não eram explícitos, e foram ganhando maior importância com o passar dos séculos (REMÉDIOS, 2000, p. 7-16). Essas escritas eram mais comuns por parte de pessoas que tinham vida religiosa e que utilizavam a escrita como forma de desabafar a culpa que sentiam por algum erro cometido, como na última Carta:

Confesso-lhe, para vergonha minha e sua, que me achei mais presa do que quero dizer-lhe a essas miudezas e que foi preciso fazer outra vez apelo a toda a minha reflexão para me despegar de cada uma delas, apesar de me gabar de já não lhe querer bem. Mas chega-se sempre onde se deseja quando há razões para isso. Pus já tudo nas mãos de D. Brites. Quantas lágrimas me não custou esta resolução! Depois de mil debates e de muita indecisão que não é capaz de supor e de que não vale a pena dar-lhe conta, conjurei-a a que não voltasse a falar-me destas coisas e a não mais mostrar ainda mesmo que eu lhe pedisse para vê-las uma última vez, e a que lhas remetesse sem me prevenir. (ALCOFORADO, 1962, p. 36).

Mariana arrepende-se de ter se apaixonado e isso lhe dói muito, pois não esperava que seria abandonada. A sua saída é escrever, mesmo que não obtenha respostas, pois de qualquer forma ela sente que está escrevendo para si mesma sobre seus próprios sentimentos e lembranças.

O próximo capítulo tem como objetivo estudar o discurso amoroso na obra *Cartas Portuguesas*, tendo como principal referencial teórico o autor Roland Barthes, enfocando aspectos como amor, ciúmes, ausência, espera e abandono.

### **3. Análise das Cartas através da proposta de Roland Barthes**

O livro “*Fragmentos de um discurso amoroso*” foi publicado pelo autor Roland Barthes, no ano de 1986. A obra se propõe a responder questões que estão presentes em qualquer relacionamento amoroso, de modo a afirmar a necessidade de o discurso ser sustentado por alguém e não somente falado. É a partir dessa ideia de afirmação que o livro começa. Dessa forma, pretende investigar o amor com foco no discurso, tendo em vista que muitas vezes se trata de recursos dramáticos, com base em linguagem muitas vezes exagerada.

A obra é organizada em ordem alfabética, de modo a criar um diário sobre o discurso amoroso, com situações comuns a qualquer pessoa, nos levando a uma grande aventura sobre o assunto. Durante o processo de escrita, o autor recorre a várias obras literárias de diferentes épocas para exemplificar, como por exemplo, *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Goethe, que é uma obra característica do romantismo europeu, relacionando-a com *As flores do Mal*, de Baudelaire, entre outros.

Este livro tem como apoio o discurso amoroso, que não é sustentado por ninguém e que foi completamente abandonado pelas linguagens, sendo assim, é tido até mesmo como um lugar somente de afirmação, e é a partir deste tema que o livro começa.

De acordo com Barthes, tudo o que pode ser produzido é uma escritura do que se imagina, e para isso, é preciso deixar a própria lembrança, a própria língua trabalhar, e somente a mesma pode conseguir infligir a linguagem de Mariana e seu namorado.

A linguagem é extremamente importante em um discurso, é ela que sustenta, são as palavras que afirmam o sentimento de alguém, pois pode escrever o amor de forma desordenada, mas verdadeira, ora pode ser pouca, ora pode excessiva, depende da emoção que o eu revelar.

O livro conta com muitos tópicos. Abaixo foram escolhidos os que estão mais relacionados à obra em estudo, sendo eles: A Carta de amor, o ciúme, a espera, Eu Te Amo e Sem Respostas, de modo a identificar a presença de cada um na obra.

#### **3.1 A Carta de amor**

Segundo Barthes, a carta de amor espera por uma resposta, pois necessita de que seu amor seja correspondido, do contrário se torna não completado e é como acontece na obra em questão, onde Mariana no início obtém respostas, mas no final sente até mesmo que seu amado teria outra paixão. O autor pretende entender as declarações de amor, que muitas vezes, são bem exageradas e utiliza exemplos para demonstrar isso, como na primeira Carta, em que Mariana Alcoforado diz que entregaria a sua vida por causa de seu amado:

E contudo – parece-me que até aos infortúnios de que és o causador, eu tenho apego! Ofertei-te a minha vida desde a primeira hora em que te vi e é ainda um prazer para mim fazer-te o sacrifício dela. Mil vezes ao dia te envio os meus suspiros que por toda a parte te buscam e só me trazem como paga de tanto tormento um aviso demasiado prudente da minha má fortuna, que tem a crueldade de nem sequer me permitir esse gozo, e que me diz a todo o instante: Deixa, desditosa Mariana, deixa de te consumir em vão e de procurares o teu amado que nunca mais verás; que passou os mares para fugir de ti e que está em França, rodeado de prazeres, que não pensa um só momento nas tuas dores, que te dispensa de todos estes transportes que nem é capaz de avaliar. (ALCOFORADO, 1962, p. 19).

Este trecho de uma Carta mostra que realmente as declarações são bem exageradas, pois Mariana chega a dizer que é um sacrifício oferecer sua vida por esse amor, e que sofre porque seu amado foi para França e dela não se lembra mais. É um amor exacerbado, pois até do mal que ele lhe causou ela sente saudade. Muitos trechos das cinco Cartas demonstram esse exagero de sentimento, retratando também o estilo barroco, que possui esta característica.

Na obra *Cartas Portuguesas*, Mariana escreve mais para si mesma do que para alguém, pois pretende de alguma maneira preencher o espaço que o Conde ocupou em seu coração, dessa forma, pretende desabafar sua solidão nas Cartas.

### **3.2 O ciúme**

Segundo Barthes (1986), o ciúme pode ser entendido como o medo de perder a pessoa amada para alguém, citando exemplos das obras de Goethe e os estudos de Freud.

Mariana algumas vezes afirmou que seu amado poderia ter outra pessoa pelo fato de não dar atenção a suas Cartas, como escreve na terceira carta: “Apesar de tudo

não tenho ânimo para desejar que não me tragas no pensamento. E, para falar com franqueza, tenho ciúmes pavorosos de quanto possa dar-te contentamento e diz respeito ao teu coração, e do que te cause agrado em França” (ALCOFORADO, 1962, p. 29). Podemos perceber que embora a autora esteja longe de seu amado, ela sente ciúmes de quem possa estar perto dele, e isso acontece pelo fato de o amar muito, e esse sentimento é decorrência desse amor.

Porém, só sente ciúme quem gosta ou é apaixonado por alguém, e essa pessoa sente como se fosse o dono do outro e tivesse domínio sobre ele. Uma pessoa ciumenta sofre muito, pois costuma prever coisas que sequer irão acontecer em relação à pessoa amada com outro e dessa forma, sente-se excluída. Mariana é exemplo de um ciúme incomum, pois acredita que seu amado pode gostar de outra pessoa, mas não é isso que realmente a faz sofrer, e sim, a espera por ele.

### 3.3 A espera

Segundo Barthes, a espera pelo amado é o que dói mais, é uma angústia esperar por alguém do qual não se tem ao menos uma pequena afirmação de que virá. É questionado também o ato de amar; visto que quem ama, espera, pode-se entender que Mariana é uma pessoa apaixonada, pois se não fosse não esperava. A escrita das cinco Cartas nos dá a entender que embora custe a aparecer, ela acredita que ele irá responder e que lhe dê alguma esperança.

A espera se dá até a leitura da última Carta, onde Mariana percebe que sofreu em vão por uma pessoa que não correspondia ao seu sentimento, como vimos na última Carta: “Escrevo-lhe pela última vez e espero fazer-lhe notar nos termos e modos desta Carta que logrou enfim persuadir-me que já não me ama e que, portanto, também não o devo amar”. (ALCOFORADO, 1962, p. 35).

“A espera” definida por Barthes também é um encantamento, ao passo que quando a protagonista perde seu encantamento, ela também não mais o espera e cai em profunda desilusão, razão pela qual ela escreve mostrando o seu descontentamento amoroso.

*Cartas Portuguesas* pode ser relacionada à obra *Odisséia*, de Homero, pois a personagem Penélope passou um enorme período de tempo aguardando seu marido que foi para a guerra. Neste tempo que ficou esperando, muitos acreditavam que ele havia

sido morto e não voltaria, arrumando-lhe vários pretendentes, mas ela não aceitou nenhum deles. Porém, diferente da obra estudada, Odisseu voltou. Enquanto esperava, Penélope tecia um manto, como forma de enganar seus pretendentes, e acredito que também era uma forma de espantar a solidão e se proteger, ocupando seu tempo enquanto seu marido não estava. Mariana age da mesma maneira, ocupando-se da escrita para espantar o medo de que o Conde não volte mais. A diferença entre as obras é que a espera de Mariana não teve resultado, decidindo por si mesma a acabar com seu sofrimento.

### 3.4 Eu Te Amo

No decorrer da leitura de *Fragmentos de um discurso amoroso*, percebo que há vários pontos destacados pelo autor que se encaixam perfeitamente na fala de Mariana, como o “Eu te amo” que define bem o sentimento da autora. Essa expressão não precisa de mais nenhuma explicação, o verbo amar por si só já diz que se trata de uma relação entre duas pessoas, pois quem ama, necessariamente, direciona este amor a alguém. Mas quem ama, espera ao mesmo tempo, ser amada igualmente, e como Barthes nos informa, a pior rejeição que existe é não ter resposta nenhuma (p.99), exatamente como vimos na obra estudada. Quando Alcoforado expressa o amor sentido, espera também que seu amado lhe retorne, pois o “eu te amo” não é somente um sentimento, mas exige uma resposta, são necessárias duas pessoas para que este amor realmente aconteça. Não é somente uma expressão como “eu também” que irá responder a esta expressão tão singular, mas sim, várias atitudes podem demonstrar ou não a retribuição do sentimento. As *Cartas Portuguesas* demonstram claramente a ausência do Conde, sem precisar dar resposta alguma, pois como vimos anteriormente, a rejeição é a pior de todas as respostas.

O discurso de ausência geralmente é sustentado pela mulher, como nas *Cartas Portuguesas*, em que consideramos o sentimento e a atitude do Conde nada mais do que um abandono, visto que já havia estado com ela, o que fez ela se apaixonar e escrever as cartas. Em todas as Cartas, ela o chama e aguarda, mas não obtém a resposta desejada. Chega a pedir até que lhe diga qualquer coisa, como por exemplo, que tenha uma amante ou algo assim, demonstrando que não aguenta mais tanta indiferença.

### **3.5 Sem respostas**

Para Barthes, “a linguagem nasce da ausência” (BARTHES, 1986, p. 150.), significando que o sujeito supre aquela falta da outra pessoa, expondo tudo isso na fala ou na escrita. É realmente o que acontece com Mariana: enquanto todo o tempo ela mantém aquele amor que não é correspondido, encontra um jeito de desabafar, de expressar tudo o que sente. É como se a sua escrita conseguisse ocupar o lugar da outra pessoa. Acredito que a linguagem nesta obra exerce a função tanto de um desabafo, como também a de real comunicação, pois ao mesmo tempo em que Mariana não se sente sozinha quando escreve, ela pretende que aquelas Cartas cheguem ao destinatário, e que assim consiga respostas.

Com base nestes tópicos é que procurei salientar o que poderia ser identificado claramente na obra, afirmando os aspectos contidos no discurso amoroso de Mariana Alcoforado.

#### 4 Considerações Finais

O presente trabalho buscou fazer uma análise da obra *Cartas Portuguesas*, de Mariana Alcoforado, publicada pela primeira vez em 1669, situando-a na época em que foi escrita e analisando o período literário em que se enquadra. Os primeiros passos envolveram pesquisa bibliográfica sobre o assunto, composta pela vasta produção encontrada em livros, traduções e teses e dissertações, com o objetivo de enriquecer a pesquisa.

O amor infeliz que Mariana fomenta pode ser percebido a partir da leitura da primeira Carta, bem como o seu sonho de vivê-lo de forma arrebatadora, mas seus sentimentos não eram os mesmos de seu amante. É por causa de todas as adversidades que encontra para viver sua paixão e percebendo que está sofrendo, que resolve escrever as Cartas, como modo de afastar esse sofrimento e essa angústia que tomaram conta de seu coração. Mesmo desiludida e sem respostas, a escrita em si já lhe proporciona uma sensação de desabafo.

O estudo da obra mostra, além da paixão amorosa, a condição vulnerável da mulher, e que movida pelo desejo e sendo freira contribui ainda mais com a situação de impossibilidade desse romance. É o amor impossível que está presente na obra, pois quando amamos, sentimos-nos mais indefesos, precisando da pessoa amada ao lado. Essa angústia parte do fato de Mariana pensar que viveria um romance, que por ela foi idealizado, porém não foi vivido integralmente, resultando então em um processo doloroso, pois ela tinha esperanças, mas o Conde não retribuiu os mesmos sentimentos que ela nutria por ele. É a partir das desilusões da autora e buscando conhecer aspectos relacionados a obra que escolhi a mesma para fazer meu artigo.

Uma das propostas desse trabalho foi investigar o estilo barroco e as características do mesmo, como a presença da religiosidade e a dualidade de ideias, bem expressas na obra em questão. Podemos considerar que a obra representa este movimento literário e o jogo de oposição entre o amor carnal e a alma; assim como entre mundanismo e espiritualismo, que são as principais inquietações desse período.

O segundo capítulo intitulado a Literatura Confessional procura compreender de que modo a mesma se encontra na escrita de Mariana. Podemos afirmar que as confissões são um modo de afirmar a identidade da autora, que se utiliza das mesmas para desabafar seus sentimentos, o que não é possível fazer publicamente, visto que é

uma freira internada em um Convento. O gênero carta pertence à Literatura Confessional, pois as mesmas servem para realizar as confissões amorosas da autora.

O último capítulo diz respeito ao discurso amoroso de Mariana, analisado através de fragmentos da obra de Roland Barthes, com o objetivo de relacionar os principais tópicos encontrados nas Cartas e como se faz a relação entre os mesmos, tendo em vista que a obra aponta os principais desencontros e decepções que ocorrem nas relações humanas, expondo dessa forma todas as condições a que a autora se submete para viver um amor.

Concluo este trabalho afirmando que a obra *Cartas Portuguesas* é uma grande representante do movimento barroco e da Literatura Confessional, estando bem presentes as marcas literárias destes dois processos na obra. O discurso amoroso enunciado por Mariana é comum a qualquer pessoa em um relacionamento, os fragmentos mostram por partes os principais sentimentos que costumam ocorrer no tipo de relação que Mariana vive.

Penso que a obra em questão é um grande exemplo da Literatura Portuguesa e que ultrapassou os tempos, mantendo até hoje um sentido completo e que pode ser comparado até mesmo à época atual, visto que o contexto onde aconteceu pode se repetir, sem esquecer que ela foi escrita não para ser publicada, mas apenas como uma confissão de uma mulher apaixonada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões de Magistro*. Tradução de Ângelo Ricci. São Paulo: Editor Victor Civita, 1980. p. 195-209.
- AGUIAR e SILVA, Vitor Manuel. *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina, 2005.
- ALCOFORADO, Mariana. *Cartas Portuguesas*. Tradução Maria da Graça Freire. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1962.
- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. *Cartas Portuguesas: um espelho da problemática feminina*. *Boletim/CESP*, [ s.l.] v.13, n. 16, p. 43-51. Jul/dez. 1993.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1986.
- BOSI, ALFREDO. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CADEMARTORI, Lúgia. *Períodos Literários*. 9ª ed. São Paulo: Ática, 2004. Série Princípios.
- CAMPOS, Geir. *Pequeno Dicionário de Arte poética*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- CANDIDO, Antônio; CASTELLO, J. Aderaldo. *Presença da literatura brasileira I: das origens ao romantismo*. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1973.
- COELHO, Nelly Novaes. *O corpo-da-escrita no romance feminino português*. ANAIS. IV Congresso Abralic. São Paulo: p. 817-823.
- COPPI, José Augusto. *O Barroco de cá, o Barroco de lá: origens, aspectos, ressonâncias, características, autores e obras*. In: X CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DO NORTE PIONEIRO, 2010. Anais. UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná. Centro de Ciências Humanas e da Educação e Centro de Letras Comunicação e Artes. Jacarezinho, 2010. ISSN – 18083579. P. 477-486.
- COUTINHO, B. Xavier. Um escritor a menos na Literatura Portuguesa: Sóror Mariana Alcoforado. In: *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*: Classe de Letras. Lisboa, tomo XXI, p. 215-234, 1980.
- CRUZ, Manuel. *Tiempo de subjetividad*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1996.
- DEL PINO. Dino. *Introdução ao estudo da literatura*. 5ª edição. Porto Alegre: Editora Movimento, 1972.
- FISCHER, Luís Augusto. *Literatura brasileira, modos de usar*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2007.

FREIRE, Maria da Graça. Apresentação. In: ALCOFORADO, Mariana. *Cartas Portuguesas*. Rio de Janeiro: Agir, 1962. p. 17-43).

GOULART, Audemaro Taranto; SILVA, Oscar Vieira da. *Estudo dirigido de gramática histórica e teoria da literatura*. São Paulo. Editora do Brasil, 1974.

HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. Trad. Walter H. Geenen. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

HOHLFELDT, Antonio. Quando o masculino usurpa o discurso do feminino: o caso das Cartas Portuguesas. In: REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel. *O despertar de Eva: Gênero e identidade na ficção de língua portuguesa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 108-109.

MACIEL, Scheila Dias. *A literatura e os gêneros confessionais*. Disponível em: <http://www.cptl.ufms.br/pgletras/docentes/sheila/A%20Literatura%20e%20os%20g%EAneros%20confessionais.pdf> acesso: 15/06/2016.

MENDES, Monique Cordeiro Figueiredo. *A figura feminina em construção na Literatura: repensando a ficção em capitães de Abril*. Niterói: UFF, 2007. Dissertação (Mestrado em Letras), Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2007. Disponível em [www.bdtdc.ndc.uff.br/tde\\_arquivos](http://www.bdtdc.ndc.uff.br/tde_arquivos)

MOISES, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1986.

PAIVA, Ana Rosa Frazão; Pinto, Priscila Maini. *Uma visão feminina do amor: em Mariana Alcoforado e Florbela Espanca*. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12893859/uma-visao-feminina-do-amor-em-mariana-alcoforado-e-florbela>

SARAMAGO, Alfredo. *Convento de Sórora Mariana Alcoforado: Real Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição*. Sintra-Portugal: Colares, 1973. p. 91-137.

SOUZA, Pedro de. *Confidências da carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1997.

RECTOR, Monica. *Mulher objeto e sujeito da literatura portuguesa*. Porto: Ed. Universidade Fernando Pessoa. 1999.

RECTOR, Mônica. O amor divino das mulheres na Literatura Portuguesa. In: DAVID, Sérgio (Org.). *Ainda o amor*. Rio de Janeiro. Ed UERJ, 1999.

REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel. *Literatura Confessional: autobiografia e ficcionalidade*. In: REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel. *O despertar de Eva: Gênero e identidade na ficção de língua portuguesa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 34.

ROCHA, André Crabbé. *A epistolografia em Portugal*. Coimbra: Almedina, 1965.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *As confissões de Jean-Jacques Rousseau*. Tradução de Wilson Lousada. São Paulo: Ediouro, 1974. p. 185-191.

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. 17ª ed. Portugal: Porto Editora, 1996.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. *Teoria da Literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

### **OUTRAS REFERÊNCIAS**

[www.educadores.diaadia.pr.gov.br](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br). Acesso em 28/05/16, às 12h.

<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/2642123> Acesso em 04/06/16, às 14h.

<http://edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/6029/literatura-confessional/> Acesso em 16/08/16, às 09h42min.